

PART ONE: POPULIST STYLES IN BRAZIL

1. Programa eleitoral em formato de Power Point: A proposta do programa de governo de Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras de 2018

Thomas Johnen

Westsächsische Hochschule Zwickau

Abstract

This chapter aims at analyzing the following questions about Bolsonaro's 2018 election program: What are the consequences for the presentation of its content and the candidate's ethos of presenting an electoral program in the form of a Power Point? What are the functions of the religious text parts for the candidate's ethos? Which hierarchy of explicit and implicit moral goods and values can be reconstructed in the program? Among others, the coherence is noted between the analyzed hierarchy (which considers private property and not human life to be the supreme moral good) and the necropolitics pursued by Bolsonaro during his administration.

1. Introdução

Antes da sua homenagem ao torturador da ditadura militar, Carlos Alberto Brilhante Ustra, na ocasião da justificação do seu voto no congresso no dia 17 de abril de 2016 a favor do impeachment da presidenta Dilma¹, Jair Messias Bolsonaro era um político pouco conhecido

¹ Bolsonaro proferiu o seguinte voto que resume a maioria dos pontos essenciais da sua proposta política como a glorificação da ditadura militar, das forças armadas, da tortura, a difamação do PT e a fórmula conclusiva também presente em todas as páginas do seu programa: «neste dia de glória para o povo brasileiro ... pelo nome que entrará na história nesta data ... pela forma como conduziu os trabalhos da casa ... parabéns presidente eduardo cunha ((3sec)) perderam em meia quatro ... perderam agora em dois mil e dezesseis ... pela família e pela inocência das crianças em

Como citar este capítulo de livro:

Johnen, T. 2023. Programa eleitoral em formato de Power Point: A proposta do programa de governo de Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras de 2018. In: Roitman, M., Bernal, M., Premat, C. & Sullet-Nylander, F. (eds.) *The New Challenges of Populist Discourses in Romance Speaking Countries*, pp. 13–37. Stockholm: Stockholm University Press. DOI: <https://doi.org/10.16993/bcj.b>. License: CC BY-NC.

fora do Rio de Janeiro. O seu sucesso eleitoral nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 (cf. Amaral 2020) tornou-o objeto da atenção jornalística internacional (cf. p. ex. as monografias escritas por jornalistas: Fontaine 2019, Nöthen 2020, Oyama 2020, Jacobberger-Lavoué 2021, Franzen 2022), mas também de numerosos estudos acadêmicos, analisando certos aspectos da campanha. Como a propaganda em redes sociais por muitos é julgada como essencial para o sucesso eleitoral de Bolsonaro (cf. Nöthen 2020: 101-107; Santos 2020: 120-122) já que teve somente pouco tempo no horário gratuito de propaganda eleitoral da televisão (cf. Bergamo 2020: 90, Solano Gallego 2020: 31), numerosos estudos enfocam a campanha eleitoral de Bolsonaro em gêneros textuais digitais nas redes sociais, especialmente facebook (p. ex. Goldstein 2019; Braga 2019, Joathan & Rebouças 2020), twitter (p. ex. Marques 2019; Fadanelli, dal Pozzo & Fin 2020), e instagram (p. ex. Goldstein 2019), bem como pela plataforma de compartilhamento de vídeos youtube (p. ex. Siqueira 2021), pela plataforma de mensagens instantâneas whatsapp (p. ex. Lepeck & Zen 2020) e por memes (p. ex. Milanezi 2019). Brittes, Carneiro & Ruggieri (2020) analisam estratégias discursivas em fanpages. Menos atenção foi dispensada ao programa eleitoral de Bolsonaro, intitulado: *O Caminho da prosperidade: Proposta de programa de governo* (Bolsonaro 2018). Muitos estudos que analisam as propostas de Bolsonaro (2018) em diversas áreas, consideram o conteúdo deste documento como uma fonte entre outras². Poucos escolheram-no como objeto de análise principal³, no entanto, o programa eleitoral de Bolsonaro como gênero discursivo em si parece não ter sido analisado. Contudo, já pelas diferenças textuais e de estilo deste programa em comparação aos dos outros candidatos, nos parece interessar tal análise. Assim, o programa de Bolsonaro é o único apresentado em formato power point, o único com citações do Novo Testamento e partes com uma linguagem religiosa. Além disso, como alguns autores ressaltam (cf. Santos 2020: 124; Solana Gallego

sala de aula que o PT nunca teve contra o comunismo ... pela nossa liberdade ... contra o foro de são paulo ... pela memória do coronel . carlos alberto brilhante ustra ... o pavor de dilma rousseff ... pelo exército de caxias pelas forças armadas ... por um brasil acima de tudo e por deus acima de todos o meu voto é sim» (própria transcrição a partir de https://www.youtube.com/watch?v=2LC_v4J3waU).

² Cf. p. ex para a política externa Moreira (2017) e Passos & Santana (2018), para a política ambiental Cunha (2019), para a política da terra Carneiro (2020), do salário mínimo Freitas (2019).

³ Cf. p. ex. as análises da política regional por Souza & Telarolli (2018), da política educativa por Silva & Reis (2020) e do ensino superior por Lima (2019).

2020: 31-42), na sua campanha, Bolsonaro construiu mais a imagem de um defensor de certos valores do que de realizador de um programa e, pelo fato de ser o programa eleitoral de Bolsonaro o único da campanha de 2018 com um capítulo exclusivamente dedicado aos valores, importa também analisar a hierarquia dos valores nele defendida explicita- e implicitamente. Assim, devido ao espaço limitado deste artigo, enfocamos somente as seguintes questões que nos parecem de importância especial:

- Quais são as consequências de apresentar um programa eleitoral em formato de power point para a apresentação do conteúdo, mas também para o ethos (Charaudeau 2008: 113-166) do candidato?
- Qual a função das passagens de linguagem religiosa para o ethos do candidato?
- Qual a hierarquia de bens e valores morais implícita- e explicitamente estabelecidas no programa de Bolsonaro?
- Antes de entrar na análise destas questões faz-se necessário indagar em que medida os resultados de pesquisas sobre programas eleitorais como gênero discursivo feitos em outros contextos podem ser aplicados também ao objeto desta análise.

2. Programas eleitorais como gênero discursivo

Em geral é possível afirmar que na linguística brasileira pouca atenção foi dispensada a programas eleitorais como gênero discursivo. Um reflexo disso é a breve menção no *Dicionário de gêneros textuais* por Costa (2008: 152) que se restringe a definir um programa no discurso político como “uma discriminação ou exposição escrita ou oral das intenções, planos e projetos de uma chapa, um candidato, um partido político etc.”.

Os diferentes gêneros textuais de campanhas eleitorais não são especificados. Por isso, faz-se mister recorrer à pesquisas de outros contextos geográficos e políticos, sempre verificando a validade para o contexto brasileiro. Assim, define Klein (2000: 741-744), para a época do impresso e do audiovisual, os seguintes gêneros textuais específicos para campanhas eleitorais: slogan, spot áudio(-visual), cartaz, brochura, folder, folheto, panfleto, bem como, programa eleitoral. Todos estes gêneros têm em comum o objetivo de chamar atenção às eleições, de

torná-las um tema de discussão pública, de apresentar os candidatos e suas mensagens principais de maneira positiva, bem como mobilizar a base eleitoral (cf. Klein 2000: 742). É óbvio que no contexto brasileiro atual teriam que ser considerados ainda outros gêneros como os banners, autocolantes, santinhos, textos em camisas, grafites em muros de casas particulares bem como os diferentes gêneros digitais na internet e nas redes sociais. Essa enumeração já evidencia algo também ressaltado por Klein (2000: 741) que cada gênero discursivo eleitoral por si só possui pouca importância e que deveria ser considerado no conjunto da campanha inteira. Isso vale ser tomado em consideração também com relação às limitações dos resultados da presente análise do programa de Bolsonaro que não poderá contribuir mais do que uma peça de mosaico para a imagem completa.

Embora haja pesquisas como Keil (2003: 85) alegando que programas eleitorais possuem pouca relevância para os eleitores, assim como para os próprios partidos, nos parece – concordando com Jiménez-Yáñez (2018: 194) – que exercem, sim, uma função mais relevante do que parece. Isso vale especialmente para o programa de Bolsonaro (2018) que teve uma recepção relativamente ampla na mídia e que até a data da redação final deste artigo (15/03/2021) está apresentado no site pessoal de Bolsonaro⁴. Como Ickes (2008:13) e Alonso Sáenz de Oger & Gómez Fortes (2011: 191) ressaltam, convém tomar em consideração que são resultados de um processo interativo entre os diferentes grupos do partido ou, no caso brasileiro, de grupos apoiadores da chapa eleitoral⁵ que chegaram assim a um consenso mínimo. Desta maneira, os programas eleitorais geralmente são mais equilibrados que, por exemplo, discursos eleitorais singulares ou contribuições dos candidatos em debates eleitorais. No programa de Bolsonaro (2018) é possível

⁴ Cf. <https://www.bolsonaro.com.br/> (15/03/2021). A recepção do programa na mídia mereceria um estudo à parte. Cf. p. ex. as apresentações em: Eboli (2018), Fortuna (2018), GI (2018), Vice Brasil (2018), Itaú (2018).

⁵ As pesquisas sobre programas eleitorais feitas no contexto europeu sempre ressaltam a importância do partido. No caso de Bolsonaro o partido possui menos relevância, uma vez que Bolsonaro teve anteriormente passagem pelos partidos PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PP e PSC, se afiliou apenas pouco tempo antes das eleições ao PSL (para mais detalhes cf. Oyama 2020: 55–61) para abandoná-lo em novembro de 2019 e iniciar a fundação do seu próprio partido *Aliança pelo Brasil* (cf. Oyama 2020: 220–229) – um processo não concluído até a redação deste artigo. Isso significa que o processo de gênese deste programa eleitoral é menos institucionalizado que seria em muitos países europeus. Globalmente, são, porém, processos interativos análogos dos diferentes grupos de apoio de uma candidatura que subjazem ao texto final de um programa eleitoral no Brasil.

verificar a presença dos grupos de apoio de Bolsonaro mais importantes, tanto das assim chamadas bancadas da Bíblia, da Bala e do Boi⁶, quanto dos militares (p. ex. exaltação dos valores militares, proposta de aumentar o número de colégios militares), e economistas neoliberais cuja ideologia penetra com palavras-chave todo o programa, além do amplo espaço dedicado às propostas na área da economia (p. 47–67).

Ickes (2008: 44–45) descreve quatro funções básicas de programas eleitorais que podem ser verificadas também no programa de Bolsonaro (2018): a função regulatória (pelo estabelecimento de normas, p. ex.: p. 4: “O fruto do trabalho é sagrado”), a função instrumental (pela articulação de reivindicações, p. ex.: p. 32: “Prender e deixar preso!”), a função identificadora (pelo uso de palavras-chave como sinais de identificação grupal, p. ex. o uso frequente de *Liberdade* com L maiúsculo) e a função informativa-persuasiva (p. ex. pelas argumentações. No programa de Bolsonaro (2018) vale mencionar também os numerosos gráficos e tabelas, bem como apartados intitulados: “Vamos aos fatos” (p. 26)).

Ainda é possível distinguir funções internas e externas. Como função interna, o programa pode servir como um recurso de formulações para a argumentação dos colaboradores da campanha (cf. Klein 2000: 743) e fortalecer a coesão dos apoiadores (cf. Ickes 2008: 50), como função externa serve como instrumento de propaganda (cf. Ickes 2008: 50), mas também como fonte de informação para jornalistas (cf. Klein 2000: 743). O último se verifica no caso do programa de Bolsonaro (2018), na medida em que, no discurso midiático, citações do programa foram reproduzidas sem contextualização alguma (cf. p. ex. Eboli 2018).

Com relação às características textuais, Klein (1996: 203) enumera várias das quais convém destacar as centrais no programa de Bolsonaro (2018): A presença de defesa de banalidades, pois a não-menção, no contexto específico, poderia ser interpretada de maneira negativa (p. ex. p. 15: “As leis e , em destaque, Nossa Constituição serão nossos instrumentos!”) e a não-menção ostentativa de certas posições, p. ex., chama atenção a ausência total da questão ambiental e da questão da demarcação de terras indígenas e quilombolas.

Portanto, para a análise de programas eleitorais, cabe ressaltar a importância tanto do dito como do não-dito.

⁶ Cf. Pasqualini (2016: 33–41). Cf. p. ex. no programa de Bolsonaro (2018), as referências à linguagem e iconografia evangélicas (p. 1–5; 23), as propostas de liberação e popularização das armas (p. 25; p. 32), o posicionamento contra a reforma agrária (p. 4).

3. Análise de aspectos do programa eleitoral de Bolsonaro (2018)

Analisaremos a seguir as três questões de pesquisa acima mencionadas. Em 3.1. trataremos das particularidades do programa de Bolsonaro (2018) pelo formato power point, em 3.2. analisamos as funções da linguagem religiosa presente no programa e em 3.3. será analisada a hierarquia de bens morais e valores no programa.

3.1. O formato power point e suas consequências para a textualidade do programa e o ethos de Bolsonaro

Os programas eleitorais são um gênero discursivo que no Brasil ainda é pouco uniformizado. Assim, os diferentes programas depositados no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)⁷ divergem muito. Há de um lado programas muito profissionais, diagramados e com fotos dos candidatos e fotos temáticas, índice, paginação (p. ex. Alckmin, Haddad, Marina Silva) e de outro lado, alguns que se destacam pelo seu não-profissionalismo com relação ao layout, apresentando o programa em forma de texto corrido, sem índice, sem ilustrações ou fotos (p. ex. Dacciolo, Boulos, Vera). O programa de Bolsonaro é o único em formato power point. Também possui muitas características de um programa de apresentação não-profissional: Não possui foto do candidato, nem do candidato à vice-presidência cujo nome também não é mencionado. Tampouco há menção dos nomes dos partidos da coligação apoiando a candidatura de Bolsonaro (PSL e PRTB):



Imagem 1.1. Página inicial do Programa eleitoral de Bolsonaro (2018)⁸.

⁷ <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/estados/2018/2022802018/BR/candidatos> (15/03/2021).

⁸ Fonte: TSE 2018: https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf. Licença

As páginas não são numeradas, não há índice. Os diferentes slides contêm textos curtos, às vezes gráficos para apoiar a argumentação. Ao total chega a 81 páginas em formato de slides, contendo apenas 8350 palavras (não contando o slogan repetido em todos os slides) o que corresponde a uma média de 103 palavras por slide. Segundo nossos cálculos, a média de páginas dos programas dos 13 candidatos à presidência em 2018 depositados no site do TSE é de 48 páginas e a média de número de palavras de 13164. Assim, o programa de Bolsonaro contém 68% mais páginas do que a média dos programas apresentados nas eleições de 2018, mas 36% menos palavras do que a média. Se tivesse a mesma média de palavras por página da média de todos os programas das eleições de 2018, chegaria apenas a 30 páginas.

Estes detalhes podem parecer insignificantes, mas não o são. Pois, o número de páginas é mencionado na recepção midiática dos programas (cf. Eboli 2018; GI 2018), e um programa de 81 páginas parece um programa detalhado, bem elaborado e substancial, muito mais do que um programa de 30 páginas. Os programas dos concorrentes mais importantes da esquerda de Fernando Haddad e de Ciro Gomes, com 62 páginas cada um parecem numa comparação superficial midiática, portanto, menos substanciais.

Outro aspecto formal, mas importante do programa de Bolsonaro (2018) é que parece pouco profissional por causa do formato inusitado, o que é capaz de fortalecer o ethos prévio de Bolsonaro de ser um candidato diferente dos candidatos das formações políticas que foram importantes nos últimos decênios depois da redemocratização. O orçamento de Bolsonaro para a campanha eleitoral declarado ao TSE é, com pouco mais de 4 milhões de reais, menos do que um décimo dos orçamentos dos candidatos do PMDB, Meireles, e do PSDB, Alckmim, e somente o oitavo orçamento mais alto de todos os candidatos. Porém, o candidato João Amoêdo do partido NOVO produziu com um orçamento total com valor parecido ao de Bolsonaro um programa mais profissional (cf. TSE 2018).

Resumindo, a aparente não-profissionalidade do formato do programa, junto com o número de páginas relativamente alta, corrobora, portanto, a imagem de um candidato diferente dos outros que não é um representante dos políticos que representam as elites ricas do país gastando pouco dinheiro na campanha, mas que mesmo assim é capaz

de apresentar um programa com substância devido ao alto número de páginas⁹.

Se analisarmos a questão da coerência e coesão textuais, chama atenção que em nenhuma parte do programa a macroestrutura é apresentada. Essa pode apenas ser deduzida pelos títulos em caixa alta, inseridos às vezes em slides sem conteúdo:

O BRASIL LIVRE (p. 2)

VALORES E COMPROMISSOS (p. 3)

A NOVA FORMA DE GOVERNAR: MAIS BRASIL, MENOS BRASÍLIA (p.9)

MAIS BRASIL, MENOS BRASÍLIA: LINHAS DE AÇÃO (p.21)

SEGURANÇA E COMBATE À CORRUPÇÃO (p.23)

SAÚDE E EDUCAÇÃO (p. 36)

ECONOMIA E INFRAESTRUTURA (p.50)

A micro-estrutura que, por razões de espaço, não podemos analisar aqui de maneira detalhada, parece parcialmente confusa, sugere pelo tamanho das fontes e o uso da caixa alta uma hierarquia que de fato não se verifica de maneira estrita.

Essa micro-estrutura dificulta a orientação no documento bem como a obtenção de uma visão de conjunto das posições e propostas presentes no programa¹⁰, ora, favorece o uso do mesmo como uma fonte de citações isoladas do contexto¹¹.

⁹ Cf. também a contribuição de Curcino neste volume que fornece outros elementos da estratégia bolsonariana de construção de um ethos de um candidato diferente dos outros políticos, aparecendo como um candidato com uma personalidade simples, mas com competências subestimadas.

¹⁰ Assim, a exigência de «retirar da Constituição qualquer relativização da propriedade privada» (p. 32) é apresentada nas medidas para o combate de criminalidade, e retoma uma exigência dos libertários do Movimento Brasil Livre (MBL) de suprimir a função social da propriedade na constituição. É uma exigência que tange os valores fundamentais de uma sociedade e não o combate ao crime. Mais revelador ainda para a estratégia de esconder na estrutura temática do programa um tanto caótica reivindicações potencialmente explosivas, é a reivindicação da supressão das «restrições da EC/81» (p. 32). Essa proposta parece uma medida estranha para combater o crime, já que a emenda constitucional do 5 de junho de 2014 visada por Bolsonaro modifica o artigo 243 da Constituição brasileira de 1988, possibilitando expropriar terras sem indenização para o destino à reforma agrária nas quais «foram localizadas culturas ilegais de plantas psicotrópicas ou a exploração de trabalho escravo na forma da lei». Aqui Bolsonaro apresenta, portanto, uma reivindicação que visa em última análise a favorecer o plantio ilegal de drogas e a exploração de trabalhadores rurais por trabalho escravo.

¹¹ Isso parece de fato ter acontecido em não poucas apresentações midiáticas do programa que analisamos de maneira preliminar. Estes artigos citam frases

3.2. A linguagem religiosa no programa de Bolsonaro (2018): oferta de identificação e o ethos do candidato

Embora o partido o qual Bolsonaro escolheu para ser candidato à presidência, o PSL, seja classificado como partido de direita secular (cf. Codato, Berlatto & Bolognesi 2018: 881), chama atenção, já na primeira página do programa, a presença de uma citação do evangelho segundo São João, bem como a evocação de *Deus* no slogan eleitoral “Brasil acima de tudo – Deus acima de todos”, presente em todas as páginas do programa e que é também a última frase do programa¹².

Bolsonaro constrói desta maneira a imagem de um político que é religioso, e que reconhece a supremacia de Deus. A citação, na versão da tradução católica da *Bíblia de Jerusalém*, do evangelho segundo São João 8,32: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, apoia à primeira vista a imagem de um político para quem a verdade (e com isso a honestidade) possui uma dimensão profunda e uma motivação religiosa. Porém, é necessário atentar para o co- e contexto da citação:

30 Tendo ele assim falado, muitos creram nele 31 Disse, então, Jesus aos judeus que nele haviam crido: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos 32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8, 30–32, tradução da *Bíblia de Jerusalém*).

Considerando, então, co- e contexto do versículo citado, revela-se que uma possível leitura é que Bolsonaro se vê como um Messias. Essa leitura é coerente com a apresentação de Bolsonaro no vídeo divulgado por ele por whatsapp em fevereiro de 2020¹³ para apelar a manifestar no dia 15 de março de 2020 em Brasília contra o Congresso Nacional. Acompanhadas de imagens do atentado à Bolsonaro em 6 de setembro de 2018 em Juiz de Fora, MG (cf. Vinhas 2019), as legendas e as imagens deste vídeo nos oito slots iniciais sugerem analogias entre Bolsonaro e Cristo (estar prestes a dar a vida: “ὕπὲρ ἡμῶν” (Rom 5,8) ‘por nós’).

isoladas do contexto sem a contextualização necessária. Porém, seria necessário um estudo próprio sobre a recepção na mídia brasileira do programa de Bolsonaro de 2018 nas suas mais variadas facetas.

¹² Importa mencionar que, além disso, este slogan que Bolsonaro já usou muitos anos antes da campanha eleitoral, é presente em vídeos eleitorais de Bolsonaro, onde é apresentado quase de forma litúrgica nos extratos mostrados de comícios, dizendo Bolsonaro «Brasil acima de tudo» e os participantes do comício respondendo junto com ele «e Deus acima de todos».

¹³ Cf. Mori (2020). Segundo informa *O Estado de S. Paulo* (27/02/2020), Bolsonaro alegou depois da circulação do vídeo que teria sido produzido em 2015, o que desmentem as imagens do atentado.

Tabela 1.1. Os slots “messiânicos” do vídeo de apelo à manifestação contra o Congresso Nacional em 15/03/2020 divulgado por Bolsonaro por whatsapp (Copyright: Thomas Johnen; Licença: CC-BY).

Tempo	Legenda	Imagem	Música
00:00–00:05	ele foi chamado a lutar por nós	letra branca em tela preta	Hino nacional (só instrumental por instru- mento de sopro)
00:05–00:11		atentado	
00:12–00:13	ele comprou a briga por nós	letra branca em tela preta	
00:14–00:21		depois do atentado: Bolsonaro é levado para a ambulância	
00:22–00:26	ele desafiou os poderosos por nós	letra branca em tela preta	
00:27–00:29		rosto de Bolsonaro in- tubado deitado na cama de hospital	
00:30–00:32	jp.com.br EXCLUSIVO Bolsonaro fala pela primeira vez depois do atentado	Bolsonaro deitado em cama de hospital (extrato de jornal televisivo)	
00:33–00:36	ele quase morreu por nós	letra branca em tela preta	

Depois, Bolsonaro é apresentado nas legendas da seguinte maneira: “ele é a nossa única esperança de dias cada vez melhores” (00:56) e com uma litania de adjetivos como única legenda, mostrados durante um segundo como “trabalhador” (01:34), “incansável” (01:35), “cristão” (01:36), “patriota” (01:37), “capaz” (01:38), “justo” (01:39), “incorrupível” (01:40), para finalizar essa sequência com um slot sem palavras, no qual ele chora, mostrando, portanto a imagem de uma pessoa sensível possuindo sentimentos autênticos.

No seu discurso do dia 3 de maio de 2019, o então Ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo, numa alocução direta a Bolsonaro ao final do discurso, faz uma alusão bíblica pela expressão *pedra angular rejeitada por tantos*, que é usada no Novo Testamento para referir-se

a Jesus na sua qualidade de Cristo (portanto: de Messias). Desta maneira Araújo evoca essa associação, designando Bolsonaro como “a pedra angular rejeitada por tantos, mas escolhida pelo povo brasileiro” (Araújo 2019)¹⁴.

No entanto, o programa de Bolsonaro (2018) contém mais ofertas de identificação religiosa. O primeiro capítulo do programa intitulado “Valores e Compromissos” é acompanhado por uma iconografia comum de grupos religiosos na base de apoio de Bolsonaro:



Imagem 1.2. Página introdutória do capítulo “Valores e Compromissos do programa eleitoral de Bolsonaro (2018) (Fonte: TSE (2018); Licença: veja-se nota-de-rodapé no.8).

Os raios de luz que passam pelas mãos da imagem acima do título do capítulo fazem lembrar os raios do Espírito Santo na iconografia de grupos como a Canção Nova (grupo fundamentalista do Movimento da Renovação Carismática Católica¹⁵) e a iconografia geral da Luz Divina em grupos religiosos no Brasil. As mãos embaixo do título do capítulo simbolizam família (mãos dadas de criança e adulto), fraternidade (mãos dadas entre adultos) e oração (mãos abertas) que são comuns na iconográfica religiosa no Brasil.

¹⁴ Para uma análise mais profunda da associação de Bolsonaro ao Messias cf. Pinezi & Chesnut (2018) e Sanchez & Arruda (2020: 358–359; 367–369).

¹⁵ Sobre o apoio de Canção Nova à Bolsonaro durante a campanha eleitoral 2018 cf. Silva (2019) e Placeres (2020: 124–167).

No slide seguinte, o título do subcapítulo: “O fruto da vida é sagrado” também é uma alusão à linguagem religiosa, bem como formulações como “vida do próximo” no texto. Como mostraremos em 3.3., o conteúdo das propostas, no entanto, contrasta em grande medida com a tradição cristã.

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

O FRUTO DA VIDA É SAGRADO!

- Este é um país de todos nós, brasileiros natos ou de coração. Um Brasil de diversas opiniões, cores e orientações.
- As pessoas devem ter liberdade de fazer suas escolhas e viver com os frutos dessas escolhas, desde que não interfiram em aspectos essenciais da vida do próximo.
- Os frutos materiais dessas escolhas, quando gerados de forma honesta em uma economia de livre iniciativa, têm nome: PROPRIEDADE PRIVADA! Seu celular, seu relógio, sua poupança, sua casa, sua moto, seu carro, sua terra são os frutos de seu trabalho e de suas escolhas! São sagrados e não podem ser roubados, invadidos ou expropriados!
- Os frutos de nossas escolhas afetivas têm nome: FAMÍLIA! Seja ela como for, é sagrada e o Estado não deve interferir em nossas vidas.

BOLSONARO2018

Imagem 1.3. Subcapítulo “O fruto da vida é sagrado!” do programa eleitoral de Bolsonaro (2018) (Fonte: TSE (2018); Licença: veja-se nota-de-rodapé no.8).

O mesmo vale para o terceiro ponto do subcapítulo “Liberdade e Fraternidade” (p.5):

- Devemos ser fraternos! Ter compaixão com o próximo. Precisamos construir uma sociedade que estenda a mão aos que caírem. Escolhas erradas ou tropeços fazem parte da vida. Ajudar o próximo a se levantar nos diferencia como humanos.

Imagem 1.4. Trecho do subcapítulo “Liberdade e Fraternidade” do programa eleitoral de Bolsonaro (2018) (Fonte: TSE (2018); Licença: veja-se nota-de-rodapé no.8).

Palavras-chave da linguagem religiosa de tradição cristã, como *fraternidade*, *fraterno*, *compaixão*, *o próximo*, *a mão estendida*, *cair* (em

tentação), bem como a ideia expressa de erro e perdão, desenham no nível do dito a imagem de uma ancoragem do programa de Bolsonaro nos valores positivos do Cristianismo e apoiam o ethos de Bolsonaro como cristão que, ao contrário do que dizem os seus adversários, aparenta defender valores como amor ao próximo, misericórdia, solidariedade e perdão. Essa é a mensagem na superfície do texto. Uma análise mais pormenorizada, que considera também o não-dito, chega, porém, a um resultado bem diferente. No programa, a solidariedade vale apenas para os que caírem, não para os que já nascem em condições de pobreza. Este exemplo coloca a questão da hierarquia de valores subjacentes no programa de Bolsonaro. Se o programa pretende obviamente criar uma imagem do candidato como alguém que defende a moralidade e tem valores, impõe-se a questão, quais são estes valores e como são hierarquizados?

3.3. A hierarquia de bens morais e valores no programa de Bolsonaro (2018)

Como vimos no capítulo anterior, não basta analisar os valores mencionados e mostrados. Urge através da abordagem da ética descritiva (cf. p. ex. Frunzã 2016) analisar o sistema ético com sua hierarquia de valores subjacentes. Para isso, nos parece a distinção proposta por Böckle (1984: 21–22) entre, de um lado, valores pré-éticos (*bonum physicum*) que propomos aqui chamar de *bens morais* e que são anteriores às ações, mas que possuem relevância para a moralidade de tais, como por exemplo a *dignidade humana* e, doutro lado, valores éticos, que são realizados por ações, como por exemplo a *fidelidade*, podendo apenas ser realizada por ações que garantem o mantimento de uma promessa. Estes valores propomos chamar aqui de *valores morais*.

Contudo, para poder julgar o que significa a realização de um valor moral como, por exemplo, a *justiça*, importa determinar, qual a hierarquia dos bens morais anteriores às ações, o que é particularmente importante quando se fizer necessário uma ponderação de bens morais em conflito. Böckle (1984: 22) considera para a moral cristã como bem máximo constitutivo a *vida humana*, seguido do *desenvolvimento pessoal* enquanto não interferir nos direitos alheios. A importância da hierarquia dos bens morais, também se verifica no programa de Bolsonaro (2018). No capítulo sobre os valores, declara como acima mencionado: “O fruto da vida é sagrado” (p. 4). Como fruto da vida define a propriedade privada. A coocorrência de *vida* e *sagrado* na mesma frase, bem

como a escolha deste adjetivo pertencendo à linguagem religiosa, pode, numa leitura superficial, sugerir que Bolsonaro reafirma aqui os valores cristãos. Contudo, cumpre aqui considerar o que segundo a hierarquia de bens e valores morais cristãos mencionados acima seria de se esperar a reafirmação de que a vida é sagrada. A frase: *A vida é sagrada*, não se encontra no programa de Bolsonaro (2018). No entanto, isso não parece ser um acaso. Pelo contrário, no programa de Bolsonaro (2018) este não-dito significa que na ética subjacente a este programa, a vida, não é sagrada. Declarada sagrada é, além da propriedade privada, apenas a família (p. 4). As propostas com relação à política de segurança e de combate à corrupção (p. 32) provam que na hierarquia de bens morais subjacentes do programa de Bolsonaro (2018), a vida humana é claramente subordinada à propriedade privada. Assim, Bolsonaro exige a garantia “do cidadão à LEGÍTIMA DEFESA sua, de seus familiares, de sua propriedade e de terceiros” (no. 4, p. 32) e para os policiais “o excludente de ilicitude” (no. 5, p. 32), transferindo aos policiais, então, o poder absoluto sobre a vida de qualquer pessoa e transferindo ao cidadão o direito sobre a vida de qualquer pessoa quando sentir em perigo a sua propriedade ou aquela de terceiros.

Mas também na proposta no. 7 (que exige o cambio da constituição para impossibilitar a desapropriação sem indenização de terras agrícolas nas quais o proprietário forçou os trabalhadores a trabalharem em condições análogas ao trabalho escravo) a dignidade humana é subordinada à propriedade privada.

Na hierarquia dos bens morais subjacentes do programa de Bolsonaro (2018) o bem mais alto é a propriedade privada, seguido da liberdade (evocada numerosas vezes, sem dar um conteúdo concreto) e da família. A vida, a dignidade humana nem sequer são mencionados, pelo contrário, a exigência do “Redirecionamento da política de direitos humanos, priorizando a defesa das vítimas da violência” (no. 8, p. 32) nega a universalidade dos direitos humanos.

4. Considerações finais

Mostramos nesta análise que o programa fornece ofertas de identificação com os grupos mais importantes dos apoiadores e cria pela forma, pelo estilo e partes do conteúdo a imagem de um candidato diferente, simples, para o qual importam a lei e a fraternidade, que possui valores ancorados na religião¹⁶. A citação do evangelho

¹⁶ Se apresenta, então, como candidato do povo, contra uma elite corrupta. Podemos, portanto, constatar que Bolsonaro reúne no seu ethos mostrado elementos

segundo São João na primeira página do programa abre a possibilidade da candidatura de Bolsonaro ser compreendida como uma missão religiosa e salvífica para o Brasil. Essa imagem contrasta com a imagem dada por Bolsonaro nas suas aparições públicas e propostas no passado, contrárias a um estado de direito democrático (cf. p. ex. a análise de Giovanaz 2021). A forma, como o programa é estruturado, desfocaliza a atenção de aspectos que claramente contrariam essa imagem, como a defesa de produtores ilegais de drogas e de exploradores de trabalho escravo. Além disso, a análise da hierarquia dos bens morais subjacentes ao programa mostra uma grande convergência com estes propósitos e revela um candidato que pretende trocar o estado de direito pela arbitrariedade das decisões dos cidadãos e policiais – um retrocesso secular com relação ao estado de direito, sendo a sharia (cf. Coulson 1978) praticada na sua versão mais radical, como na Arábia Saudita, mais progressista do que a proposta de Bolsonaro, pois a sharia garante pelo menos para os acusados ou suspeitos por crime, um processo com regras estabelecidas¹⁷. Assim, a política de Bolsonaro que não considera a vida como um bem moral importante, cria uma

centrais que definimos em um estudo anterior sobre a extrema direita populista da Europa setentrional e ocidental como populista (cf. Johnen 2019: 57–58, com mais referências). No entanto, vale mencionar que outros elementos como a evocação frequente de Deus e a alegação de uma missão messiânica, aproxima Bolsonaro ainda a outras extrema direitas populistas, como aquela da Eslováquia (cf. Štefančík 2020: 54–64; 106–109).

¹⁷ Um dos pareceristas anônimos deste artigo crítica severamente essa comparação alegando que na sharia não haveria nenhum traço de humanismo ou de civilização. Vale ressaltar que não pretendemos fazer apologia da interpretação mais radical da sharia salafista e/ou wahabista como é praticada na Arábia Saudita (cf. para uma visão crítica de conjunto: Khorchide 2016: 156–182). Porém, a comparação nos parece adequada para medir o tamanho do retrocesso civilisatório da proposta de Bolsonaro. Mesmo em sistemas de interpretação mais radical da sharia, suspeitos têm o direito a um processo, a testemunhas e um julgamento por um juiz, que é pessoalmente responsável para indenizar o condenado ou a sua família em caso de um julgamento errôneo. Enquanto na proposta de Bolsonaro basta o sentimento subjetivo de ameaça da propriedade própria ou alheia para ser autorizado a matar o suspeito sem poder ser juridicamente responsabilizado posteriormente. Enquanto no direito de sharia, mesmo na interpretação mais radical existem regras processuais, a proposta de Bolsonaro abre espaço para a institucionalização da arbitrariedade, e, em última análise, do direito do mais forte. Trata-se da tentativa de institucionalização da lógica miliciana (cf. Manso 2020). A vida é claramente subordinada à propriedade. Na interpretação mais radical da sharia, a pena para furto é o cortar da mão do delinquente (depois de um processo e um julgamento), mas não é a pena capital, i.e., nesta interpretação da sharia, a propriedade é mais alta na hierarquia dos bens morais do que a inviolabilidade física da pessoa, mas – ao contrário da hierarquia de valores de Bolsonaro – não mais alta do que a vida. Diga-se de passagem, sobre a prática de cortar a mão do ladrão, mesmo nas diferentes

situação na qual os cidadãos perdem o controle sobre o próprio direito à vida. Recorrendo a um termo cunhado por Mbembe (2016), esta situação tem sido analisada como necropolítica (cf. de Paula & Siani 2020; Giovanaz 2021) e, em última análise é coerente com a ética proposta no programa de Bolsonaro (2018).

O uso da religião para defender essa ética pervertida, a misoginia com justificações religiosas, as tendências de auto-associar-se como messias tem sido denominado por alguns autores como *cristofascismo* (Py 2018; Sanchez & Arruda 2020). Este termo fora cunhado pela teóloga protestante alemã Dorothee Sölle (1987: 158–167) para designar a instrumentalização de fieis evangélicos à procura de orientação religiosa, ocorrendo na época de Ronald Reagan nos EUA. Foram instrumentalizados para campanhas de ódio e cruzadas aos auto-declarados adversários, defendendo o militarismo, a família tradicional e uma moral de trabalho que marginaliza todos que por razões estruturais, de saúde ou de idade não podem corresponder ao ideal da moral de trabalho protestante. Sölle (1987) ressalta que:

O conteúdo desta religião fascista está em contradição com a tradição judaico-cristã. O Deus dos profetas não pregou o estado nacional, mas a comunhão entre estrangeiros e autóctones. O apóstolo Paulo não baseou a justificação dos pecadores na moral de trabalho protestante, mas na graça divina, que abrange os jovens e os idosos, pessoas trabalhadoras e preguiçosas! E Jesus não coloca a família como valor central da vida, mas a solidariedade com os marginalizados (Sölle 1987: 166, tradução nossa).

O termo *cristofascismo* é – como a autora admite (cf. Sölle 1987: 165) – discutível, o designado, no entanto, se aplica claramente também ao programa de Bolsonaro (2018) e à visão do cristianismo dos grupos evangélicos¹⁸ e católicos fundamentalistas que o apoiam.

Os estudos de Souza (2018) e Solano Gallego (2020) apontam para o fato que uma parte da sociedade brasileira, particularmente da classe média, comparte, em grande medida os valores defendidos por Bolsonaro, incluindo as suas hierarquias. Schwarcz (2019) aponta para

correntes da sharia não há unanimidade. Assim, essa prática foi suspensa já no século VII pelo khalifa Umar (634–644) (cf. Aslan 2013: 612).

¹⁸ Para análises do apoio evangélico a Bolsonaro cf. p.ex: Aguiar (2020), Camurça (2020); para o fenômeno dos evangélicos no Brasil em geral e a crescente influência em sociedade e política cf. p. ex.: Solano, Ortellado & Moretto (2017) e Løland (2020).

raízes históricas remotas destas atitudes. Impõe-se ainda a pergunta se o mesmo vale para as empresas e economistas apoiando Bolsonaro¹⁹. A análise de Sung (2018) do discurso neoliberal na tradição de Hayek e Mises aponta uma convergência no que tange justamente a hierarquia dos bens morais fundamentais, e que consiste na negação do pressuposto de que todos os seres humanos receberam com o nascimento o direito a uma vida digna:

[...] em nome da sacralidade da vida ou da vida humana como critério último e o bem maior, o Ocidente criou e assumiu a noção de que todos os seres humanos possuem certos direitos básicos anteriores e superiores a direitos positivos ou a leis de sistemas económicos. É essa noção que Mises e outros pensadores neoliberais negam radicalmente, no seu fundamento (Sung 2018: 86).

A proposta e o sucesso eleitoral de Bolsonaro deveriam incentivar uma ampla discussão em todas as camadas da sociedade brasileira sobre a questão dos bens e valores morais fundamentais para a sociedade e sua hierarquização. O consenso ocidental que Sung (2018) descreve, não é só questionado por Bolsonaro, mas é radicalmente negado. Minimizar as declarações públicas chocantes de Bolsonaro como retórica para manter a coesão do grupo dos apoiadores²⁰ significa, à luz do seu programa eleitoral, nada mais do que uma adesão tácita aos bens e valores morais defendidos por Bolsonaro, contrários aos das sociedades democráticas ocidentais.

A coerência entre a hierarquia dos bens e valores morais constatada no programa eleitoral de Bolsonaro (2018) e a necropolítica realizada durante seu mandato, mostram que uma análise de programas eleitorais combinando os métodos da linguística textual, da análise de discurso (com ênfase no ethos mostrado e nos implícitos) e da ética descritiva é uma análise necessária e complementar à análise de conteúdo que normalmente é utilizada nas ciências políticas.

¹⁹ Para uma análise cf. p. ex. Bortone (2020) e Pinho (2020).

²⁰ Isso faz, p. ex., Lamberty (2019) no relato da visita do vice-secretário geral da Fundação Konrad-Adenauer (Fundação do Partido Cristão-Democrata alemão com sucursal no Brasil), Gerhard Wahlers, ao governo Bolsonaro, o que em última análise, significa o apoio aos valores de Bolsonaro, que são contrários aos valores da própria fundação (cf. Konrad Adenauer Stiftung s.d.).

Bibliografia

Fontes primárias

15 de março. *Gen Heleno/Cap Bolsonaro. O Brasil é nosso, não dos políticos de sempre*. Vídeo. [s.d.], [sem realizador], [sem produtor], 01:50 min, disponibilizado online em 25/02/2020, <https://www.facebook.com/Brasil247/videos/245285763136237/>; também em: [https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-ataca-jornalista-vera-magalhaes-e-nega-ter-compartilhado-video-convocando-para-atos,70003212775\(15/03/2021\)](https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-ataca-jornalista-vera-magalhaes-e-nega-ter-compartilhado-video-convocando-para-atos,70003212775(15/03/2021)).

Araújo, E. (2019): Discurso do Ministro Ernesto Araújo na formatura do Instituto Rio Branco – Brasília, 3 de maio de 2019, [http://antigo.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/20506-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-formatura-do-instituto-rio-branco-brasil-3-de-maio-de-2019\(13/03/2021\)](http://antigo.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/20506-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-formatura-do-instituto-rio-branco-brasil-3-de-maio-de-2019(13/03/2021)).

A Bíblia de Jerusalém. Nova edição. Tradução coordenada por G. da S. Gorgulho, I. Storniolo & A. F. Anderson. São Paulo, Paulus 1987.

Bolsonaro, J. M. (2018): *O CAMINHO DA PROSPERIDADE: Proposta de Plano de Governo; Bolsonaro 2018*, [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf\(15/03/2021\)](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf(15/03/2021)).

Novum Testamentum Graece, ed. por E. Nestle et al., 26^a. ed., Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart, 1979.

Voto de Jair Bolsonaro no processo de impeachment (17/04/2016), gravação em vídeo, 01:23 min., disponibilizado online: 17/04/2016, [https://www.youtube.com/watch?v=2LC_v4J3waU\(15/03/2021\)](https://www.youtube.com/watch?v=2LC_v4J3waU(15/03/2021)).

Referências

Aguiar, C. E. S. (2020): “Ativismo digital evangélico e contrassecularização na eleição de Jair Bolsonaro”. *Horizonte* 18 (56): 600–624. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p600>

Alonso Sáenz de Oger, S. & Gómez Fortes, B. (2011): “Partidos nacionales en elecciones regionales: ¿Coherencia territorial o programas a la carta?”. *Revista de Estudios Políticos* 152: 183–209.

Amaral, O. E. do (2020): “The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study 2018”. *Brazilian Political Science Review* 14 (1): 1–13. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-3821202000010004>

- Aslan, İ. (2013): “Scharia (isl.)”, in Heinzmann, R. (ed.), *Lexikon des Dialogs: Grundbegriffe aus Christentum und Islam*, 2 vol. Freiburg; Basel; Wien, Herder: 611–612.
- Bergamo, R. (2020): “Um palanque com milhões de pessoas”, in Fratini, J. (ed.), *Campanhas políticas nas redes sociais: Como fazer comunicação digital com eficiência*. São Paulo, Matrix: 85–106.
- Böckle, F. (1984): *Moral fundamental*, traduzido do alemão por H. Perbeche. São Paulo, Loyola.
- Bortone, E. de A. (2020): “Fracções do empresariado em campanha pró-Bolsonaro”. *Revista Debates* 14 (1): 60–83. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.96076>
- Braga, L. de C. (2019): *Redes sociais como novo palco para o espetáculo na política: Uma análise da construção de personagens políticos no Facebook antes e durante a campanha presidencial de 2018*, Dissertação de Mestrado (Comunicação e Sociedade), Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Brittes, J. G., Carneiro, D. C. B. & Ruggieri, A. L. (2020): “Bolsonaro X Haddad: A configuração da disputa de sentidos a partir de estratégias discursivas presentes nas *fanpages* dos candidatos durante a campanha à presidência”. *Revista Compolítica* 10 (1): 59–85. DOI: <https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.286>
- Camurça, M. A. (2020): “Um poder evangélico no estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro”. *Revista NUPEM* 12 (25): 82–104. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.v12i25.713>
- Carneiro, L. (2020): “‘O fruto da vida é sagrado’: A terra na campanha de Jair Bolsonaro”, in *Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, GT 62: Novos conservadorismos, populismos e liberalismos: Perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, <https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoZNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZVZlPjtzOjQ6IjMwNTAiO3oiO3M6MT0iaCI7czozMjoiOGFhbnVZiOGZlZTQzN2ZlMDMxMjVlZmY1YjdhMmEzYTkiO3o%3D> (14/03/2021).
- Charaudeau, P. (2008): *Discurso político*. São Paulo, Contexto.
- Codato, A., Berlatto, F. & Bolognesi (2018): “Tipologia dos políticos de direita no Brasil: Uma classificação empírica”. *Análise Social* 53 (229): 870–897. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2018229.02>

- Coulson, N. J. (1978 [1964]): *A History of Islamic Law*. Edingburgh, Edingburgh University Press.
- Costa, S. R. (2008): *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Cunha, P. R. (2019): “O novo governo e a Amazônia: Desproteção ambiental e privatização de terras públicas”. *Confins* 501: [sem paginação]. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.21149>
- Curcino, L. (neste volume): “Usos da Leitura e Populismo: os livros e a eleição de Bolsonaro”.
- Eboli, E. (2018): “Bolsonaro apresenta programa de governo com 81 páginas: Veja as propostas”. *Gazeta do Povo* [online] (14/08/2018), <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/bolsonaro-apresenta-programa-de-governo-com-81-paginas-veja-as-propostas-8m8x1f2a6ga811g7qqqoly9gy/> (09/03/2021).
- O Estado de S. Paulo (2020): “Bolsonaro ataca jornalista do ‘Estado’ e nega ter compartilhado vídeo convocando para atos”. *O Estado de S. Paulo* [online] (27/02/2020, 19h25), <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-ataca-jornalista-vera-magalhaes-e-nega-ter-compartilhado-video-convocando-para-atos,70003212775> (15/03/2021).
- Fadanelli, S. B., dal Pozzo, D. F. & Fin, C. Ch. (2020): “The Representation of Social Actors in the Tweets of Jair Messias Bolsonaro”. *Antares* 12 (25): 74–99. DOI: <https://doi.org/10.18226/19844921.v12.n25.04>
- Fontaine, J.-J. (2019): *Le Brésil de Jair Bolsonaro: Chroniques avril – mai 2019*. Paris, L’Harmattan.
- Fortuna, D. (2018): “Bolsonaro tem slogan ‘Menos Brasília – Mais Brasil’ em campanha eleitoral”. *Correio Braziliense* [online] (14/08/2018, 18h09), https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/08/14/interna_politica,700317/bolsonaro-tem-slogan-menos-brasilia-mais-brasil-em-campanha-eleitora.shtml (09/03/2021).
- Franzen, N. (2022): *Brasilien über alles: Bolsonaro und die rechte Revolte*. Berlin, Assoziation A.
- Freitas, A. da S. (2019): “Desenho Jurídico-Institucional da Valorização do Salário Mínimo no Brasil dos Governos Dilma ao Governo Bolsonaro: quais os elementos jurídicos por trás dos discursos políticos?”. *Revista Gestão & Políticas Públicas* 9 (1): 32–50. DOI: <https://doi.org/10.11606/rgpp.v10i1.174586>
- Frunză, A. (2016): *Către o nouă expertiza étică: Deconstruind valorile etice*. Iași, Lumen.

- G1 (2018): “O que dizem os programas de governo dos candidatos à Presidência”. *G1* [online] (17/08/2018, 19h01), <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/17/o-que-dizem-os-programas-de-governo-dos-candidatos-a-presidencia.ghtml> (09/03/2021).
- Giovanaz, D. (2021): “Política de morte adotada na pandemia dialoga com velhas propostas de Jair Bolsonaro: Pesquisadores explicam como o conceito de necropolítica se articula com o discurso e a prática do atual governo”. *Brasil de Fato* [online] (18/03/2021, 7h51), <https://www.brasiledefato.com.br/2021/03/18/politica-de-morte-adotada-na-pandemia-dialoga-com-velhas-propostas-de-jair-bolsonaro> (20/03/2021).
- Goldstein, A. (2019): “O sucesso das „Guerras Culturais“ na campanha 2018: Bolsonaro no Facebook e Instagram”. *Inter-Legere* 2 (26): [sem paginação]. DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2019v2n26ID20148>
- Ickes, A. (2008): *Parteiprogramme: Sprachliche Gestalt und Textgebrauch*. Darmstadt, Büchner.
- Itaú (2018): “As propostas do próximo presidente “. *Monitor semanal das eleições* [online] (24/10/2018), <https://ww69.itaubr.com.br/fileserv/relatorios/9399FBB1-EE2F-47B7-BCEB-4CF0BEC0355D.pdf> (09/03/2021).
- Jacoberger-Lavoué, V. (2021): *Brésil: Voyage au pays de Bolsonaro*. Monaco, Rocher.
- Joathan, Í. & Rebouças, H. (2020): “Campanha permanente em busca da Presidência da República: As estratégias de comunicação de Jair Bolsonaro no Facebook entre 2015 e 2018”. *ECCOM* 11 (22): 377-398.
- Jiménez-Yáñez, R.-M. (2018): “El programa electoral: El análisis desde la teoría del framing”, in C. Llamas Saíz (ed.), *El análisis del discurso político: Géneros y metodologías*. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra: 103-129.
- Johnen, Th. (2019): “Les religions abrahamites dans le discours du Front National et dans le contexte d’extrêmes droites populistes européennes”, in Sullet-Nylander, F., Bernal, M., Premat, C. & Roitman, M. (eds.), *Political Discourse at the Extremes: Expressions of Populism in Romance-Speaking Countries*. Stockholm, Stockholm University Press (Stockholm Studies in Romance Languages; 4): 53-81. DOI: <https://doi.org/10.16993/bax.d>
- Keil, S. I. (2003): *Wahlkampfkommunikation in Wahlanzeigen und Wahlprogrammen: Eine vergleichende inhaltsanalytische Untersuchung*

der von den Bundestagsparteien CDU, CSU, SPD, FDP, B'90/Die Grünen und PDS vorgelegten Wahlanzeigen und Wahlprogrammen in den Bundestagswahlkämpfen 1957–1998. Frankfurt am Main, Lang.

Khorchide, M. (2016): *Scharia – der missverstandene Gott: Der Weg zu einer modernen islamischen Ethik.* Freiburg; Basel; Wien, Herder (Herder Spektrum; 6844).

Klein, J. (1996): “Insider-Lesarten: Einige Regeln zur latenten Fachkommunikation in Parteiprogrammen“, in Klein, J. & Dieckmannshenke, H. (eds.), *Sprachstrategien und Dialogblockaden: Linguistische und politikwissenschaftliche Studien zur politischen Kommunikation*, Berlin; New York, de Gruyter (Sprache, Politik, Öffentlichkeit; 7): 201–209. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110812534.201>

(2000): “Textsorten im Bereich politischer Institutionen”, in Brinker, K., Antos, G., Heinemann, W. & Sager, S. F. (eds.), *Text- und Gesprächslinguistik: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*. Vol. 1, Berlin; New York, de Gruyter: 732–755. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110194067-066>

Konrad Adenauer Stiftung (s.d.): Declaración de principios de la Fundación Konrad Adenauer Stiftung: Desarrollar. Democracia. Juntos, <https://kas.de/es/modelo> (21/03/2021).

Lamberti, L. (2019): “Eine Zusammenarbeit mit der neuen brasilianischen Regierung ist möglich”: Stellvertretender Generalsekretär Dr. Gerhard Wahlers besucht Brasilien”. *Konrad-Adenauer-Stiftung: Veranstaltungsberichte* [online] (27/03/2019), [https://www.kas.de/veranstaltungsberichte/detail/-/content\(eine-zusammenarbeit-mit-der-neuen-brasilianischen-regierung-ist-moeglich](https://www.kas.de/veranstaltungsberichte/detail/-/content(eine-zusammenarbeit-mit-der-neuen-brasilianischen-regierung-ist-moeglich) (19/02/2021).

Lepeck, G. & Zen, R. L. (2020): “Contrapor é cansativo: A era da pós-verdade e suas aplicações na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro via whatsapp”. *Linguagens* 14 (1): 25–44. DOI: <https://doi.org/10.7867/1981-9943.2020v14n1p025-044>

Lima, K. (2019): “Universidade pública e contrarrevolução: da ‘travessia de uma ponte’ ao ‘caminho da prosperidade’”. *Em Pauta* 44 (17): 15–32. DOI: <https://doi.org/10.12957/rep.2019.45207>

Løland, O. J. (2020): “The Political Conditions and Theological Foundations of the New Christian Right in Brazil”. *Iberoamericana: Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies* 49 (1): 63–73. DOI: <https://doi.org/10.16993/iberoamericana.495>

Manso, B. P. (2020): *A república da milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro.* São Paulo, todavia.

- Marques, A. A. V. (2019): *Monitoramento no twitter como ferramenta de marketing político durante as eleições de 2018 no Brasil*, Dissertação de Mestrado (Administração de Empresas), Fortaleza, Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
- Mbembe, A. (2016): “Necropolítica”. *Arte e Ensaios* 32: 122–151.
- Milanezi, M. J. de F. (2019): “Elegemos um meme?!”: Política e experiência estética nos memes de ação popular das Eleições 2018, Dissertação de Mestrado (Comunicação), Bauru, UNESP – Campus Bauru.
- Moreira, D. S. O. (2017): “As Perspectivas da Política Externa de Bolsonaro: A continuidade com a nova Política Externa Brasileira”. *Revista Tempo Amazônico* 4 (2): 33–44.
- Mori, L. (2020): “Bolsonaro não pode justificar vídeos contra Congresso como ‘conversa pessoal’, dizem constitucionalistas”. *BBC News Brasil* [online] (26/02/2020), <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51653384> (15/03/2021).
- Nöthen, A. (2020): *Bulldozer Bolsonaro: Wie ein Populist Brasilien ruiniert*. Berlin, Christoph Links.
- Oyama, T. (2020): *Tormenta: O governo Bolsonaro; crises, intrigas e segredos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Pasqualini, W. O. (2016): “*Brasil acima de tudo, deus acima de todos*”: Uma análise de conteúdo da página oficial no facebook de Jair Messias Bolsonaro, Monografia de Grau de Bacharel (Jornalismo), Juiz de Fora, Centro Universitário Estácio Juiz de Fora.
- Passos, R. D. F. dos & Santana, D. P. F. de (2018): “Uma breve análise das propostas de Jair Bolsonaro para a política externa brasileira”. *Perspectivas* 52: 89–101.
- Paula, L. de & Siani, A. C. (2020): “Uma análise bakhtina da necropolítica brasileira em tempos de pandemia”. *Revista da Abralin* 19 (3): 475–503. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i3.1595>
- Pinezi, A. K. M. & Chesnut, A. (2018): “Jair Messias Bolsonaro como novo messias para evangélicos e católicos tradicionais”. *Observatório da Imprensa* [online] 1017 (11/12/2018), <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/eleicoes-2018/jair-messias-bolsonaro-como-novo-messias-para-evangelicos-e-catolicos-tradicionais/> (20/02/2021).
- Pinho, C. E. S. (2020): “Empresários, Campanha Eleitoral de 2018 e a Força Parlamentar da Direita: uma análise do governo de Jair Bolsonaro”, in *Anais do 44º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). GT40–Sociedade e Vida*

- Econômica*, <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSZPljtzOjQ6IjQwNzAiO3oiO3M6MT0iaCI7czoMjoiNTA4Y2E4MTC3NmY1MjkxYTIwMDdhNWNhNGVhNTg3NGEiO3o%3D> (13/03/2021).
- Placeres, G. (2020): *O intercâmbio político entre parlamentares e as emissoras paulistas de televisão católica*. Tese de doutorado (Sociologia), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos.
- Py, F. (2018): “Cristofascismo à brasileira na eleição de 2018”. *Carta Maior* [online] (21/09/2018, 19h01), <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Cristofascismo-a-brasileira-na-eleicao-de-2018/60/41803> (20/02/2021).
- Sanchez, W. L. & Arruda, G. A. (2020): “Novas faces do cristofascismo no governo de Jair Bolsonaro”. *Revista Eclesiástica Brasileira* 80 (316): 353–372. DOI: <https://doi.org/10.29386/reb.v80i316.2051>
- Santos, F. L. B. dos (2020): *L'espoir vaincu par la peur : De Lula à Bolsonaro*. Paris, Syllepse.
- Schwarcz, L. M. (2019): *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Silva, E. (2019): “‘Compartilhareis as fakes e as fakes me elegerão’: uma análise de fakes news anti-Haddad em redes sociais de católicos carismáticos”. *Agenda Política* 7 (2): 56–79. DOI: <https://doi.org/10.31990/10.31990/agenda.ano.volume.numero>
- Silva, E. C. H. da & Reis, G. C. F. F. dos (2020): “Avanço conservador na educação brasileira: uma proposta de governo pautada em polêmicas (2018)”. *Cantareira* 33: 62–78.
- Siqueira, E. N. (2021): “O uso de folksonomias na campanha de Jair Bolsonaro no YouTube: Análise dos conteúdos no primeiro turno das eleições de 2018”. *Dominios de Lingu@gem* 15 (1): 41–75. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL45-v15n1a2921-2>
- Solano Gallego, E. (2020): « La politique, le marché et la morale selon l'extrême droite brésilienne ». *Alternatives Sud* 27 (2) : 31–44.
- Solano [Gallego], E., Ortellado, P. & Moretto, M. (2017): *Percepções evangélicas sobre política e sociedade brasileiras: Pesquisa aplicada por ocasião da Marcha para Jesus 2017*. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil (Notas; 11).
- Sölle, D. (1987): *Das Fenster der Verwundbarkeit: Theologisch-politische Texte*. Stuttgart, Kreuz.

- Souza, J. (2018): *A classe média no espelho: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro, Estação Brasil.
- Souza, L. E. S. de & Telarolli, M. L. (2018): “Jair Bolsonaro”. *Cadernos de Regionalismo ODR* 2 (1): 25–31, www.observatorio.repri.org/wp-content/uploads/2020/11/Dossiê-2018-novo.pdf (14/03/2021).
- Štefančík, R. (2020): *Kommunikationsstrategien der slowakischen Rechtsextremisten*. Hamburg; Kovač (Politica; 120).
- Sung, J. M. (2018): *Idolatria do dinheiro e direitos humanos: Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*. São Paulo, Paulus.
- TSE (2018): *Tribunal Superior Eleitoral: Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais; Eleição Geral Federal 2018; Lista de Candidatos*, <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/estados/2018/2022802018/BR/candidatos> (09/03/2021).
- Vice Brasil (2018): “Comparamos os planos de governo de Haddad e Bolsonaro para jovens, mulheres, LGBT+ e mais”. *Vice Brasil* [online] (09/010/2018), <https://www.vice.com/pt/article/kzjkqm/comparamos-os-planos-de-governo-de-haddad-e-bolsonaro-para-jovens-mulheres-lgbt-e-mais> (09/03/2021).
- Vinhas, O. I. (2019): *Os sentidos da “Facada” em Jair Bolsonaro: Uma análise de redes culturais online à luz da teoria dos sistemas de Niklas Luhmann*, Dissertação de Mestrado (Sociologia), Pelotas, Universidade Federal de Pelotas.